

## ***TIMELINE: CONCEITOS CONCRETOS E ABSTRATOS***

Mohamed Abraham Builo Michel<sup>1</sup>, Luiz Henrique Fiammenghi<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mohamed Abraham Builo Michel acadêmico do Curso de música-**CEART** PROIP/UDESC

<sup>2</sup>Luiz Henrique Fiammenghi orientador, Departamento de música- **CEART**

[lhfiammenghi@yahoo.com.br](mailto:lhfiammenghi@yahoo.com.br)

Palavras-chave: *Timeline*. Gramani. Rítmica africana.

Métrica e rítmica em uma perspectiva relativista. Polirritmia e conceito de síncope e *timeline* em Gramani e na temporalidade africanista.

O séc. XX testemunhou grandes mudanças em seu conhecimento sobre a temporalidade. A partir dos pressupostos defendidos pela Teoria da Relatividade, conforme estabelecido por Albert Einstein, a linearidade do Tempo e o conceito de Espaço começaram a ser questionados de sua perspectiva newtoniana. Tendo em conta a gravidade como um fenômeno que é consequência de uma curvatura espaço-tempo, podemos sustentar a hipótese que a métrica poderia estar contida no espaço indefinido, ou seja, ser ela uma concepção concreta, mas igualmente infinita no tempo.

Ainda em alusão à curvatura, poderíamos representá-la como o ritmo que se expande ou se encolhe. Deste modo poderíamos considerar a métrica como uma infraestrutura permanente e o ritmo como a superestrutura onde as inúmeras variações acontecem.

Nesta ótica seria plausível considerar cognitivamente o metro musical como uma estrutura concreta e ao mesmo tempo abstrata. O que Gramani propõe com seus exercícios seria tratar do funcionamento desses esquemas polirrítmicos e assimétricos de modo a inseri-los na vivência rítmica e musical do aluno, cuidando de sua assimilação tanto na esfera da sensível quanto do racional.

Podemos citar as reflexões que Gramani tece em relação ao uso do metrônomo, como um exemplo de suas ideias sobre o sensível e o racional. Este artifício mecânico inventado apenas no séc. XIX, não deveria ser tomado como uma referência monolítica em relação à temporalidade, mas apenas como mais um referencial externo, nunca esquecendo que o “metrônomo interno” do músico é que deve ser desenvolvido e não a sua obediência cega a um fator externo e mecânico, ausente de subjetividade.

Uma das hipóteses abraçada nesta pesquisa é que a composição sobre padrões assimétricos, como é o caso dos *timeline* africanos, não é compatível com a ideia da síncope, pois não há um deslocamento da acentuação previamente estabelecida dentro da divisão regular do ciclo de 16 pulsações elementares (4 x 4) ou da divisão em quatro partes do ciclo de 12 pulsações (3 x 4), mas sim a acentuação dentro de um padrão assimétrico pré-estabelecido pela *timeline*, por exemplo (16: 2 + 2 + 3 + 2 + 2 + 2 + 3) ou (12: 2 + 3 + 2 + 2 + 3). Certamente um procedimento que usa a síncope fora do esquema rígido que lhe deu origem leva, fatalmente, a um beco epistemológico sem saída. Assim os saberes de uma área epistemológica não se transferem aos saberes de outra linguagem musical e tampouco subsistem uns aos outros.

No entanto, ainda pode surgir uma suposta afinidade. A síncope é um desses elementos. Ela simula o entendimento de outro universo musical, o africano, a partir de um referencial que a este não pertence. Entraria em cena, então, um tipo de sincretismo no plano acústico, à maneira de, por exemplo, a imagem de São Jorge no candomblé, que busca representar Oxóssi. Para o africano, de fato, o tempo não é a

duração que impõe um ritmo ao destino individual, mas o ritmo respiratório da comunidade. Não é um rio que flui em uma única direção de uma fonte conhecida para uma boca conhecida. O tempo africano tradicional engloba e incorpora a eternidade (HAMA, 1979).

**Referências Bibliográficas:**

GRAMANI, E. José. *Ritmica*. Editora Perspectiva, São Paulo, 2007

GRAMANI, E. José. *Ritmica Viva: a consciência musical do ritmo*. Editora da Unicamp, Campinas, 1996.

HAMA M. Bubu. *Tempo e tempo mítico*. Correio da Unesco Edição 1979.

RIBEIRO, G. Thomaz Bianca. *Do Tactus ao Pulso: a rítmica de Gramini na confluência do tempo sentido e medido*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, CEART, PPGMUS. Florianópolis, 2017.

COHEN, Sara. *Cartilha rítmica para piano de Almeida Prado*. Rio de Janeiro 2006.